
O sítio arqueológico de São Marcos (Sintra): criação de uma reserva arqueológica

CATARINA COELHO¹

R E S U M O

Apresentam-se os resultados dos trabalhos desenvolvidos, no Outono de 2002, no sítio arqueológico de São Marcos, tendo em vista a preservação e salvaguarda das ruínas arqueológicas identificadas em 1979 e 1984. O povoado de São Marcos compreende uma vasta área de vestígios arqueológicos atribuíveis à Proto-História e ao período romano, onde já em época alto-imperial se terá, possivelmente, desenvolvido uma grande exploração agropecuária. A colecção dos materiais arqueológicos, então exumada – hoje em reserva no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas –, comprova a permanência em São Marcos de populações desde o século III a.C. até aos finais do século VI/VII d.C. A realização desta campanha teve por principal objectivo proceder ao registo gráfico, topográfico e fotográfico de todas as realidades arqueológicas ainda existentes no terreno, visando a criação de uma área de reserva arqueológica. O estabelecimento da reserva arqueológica de São Marcos constituiu uma medida ambiciosa e inovadora, porquanto se decidiu salvaguardar um sítio arqueológico para a posteridade. Tal situação permitirá, no futuro, pesquisar e valorizar a estação arqueológica, com o objectivo quer da obtenção de resultados que possibilitem, de modo rigoroso e exaustivo, reconstituir a verdadeira história da presença humana no povoado de São Marcos, quer proceder à sua musealização e consequente usufruto público das ruínas.

A B S T R A C T

The following text presents the results of fieldwork conducted in autumn 2002 in the São Marcos archaeological site intended to preserve and safeguard the archaeological ruins identified in 1979 and 1984. The settlement of São Marcos covers a vast area of archaeological remains attributed to the Protohistoric and the Roman periods, where a major farming and cattle-raising activity may well been developed during the high imperial period. The collection of archaeological artefacts uncovered in the site – now kept in the São Miguel de Odrinhas Archaeological Museum – proves that São Marcos was populated from the 3rd century BC until the end of the 6th century AD. The main objective of this archaeological campaign was to achieve a graphic, topographic and photographic record of all archaeological evidence still to be found in the terrain, in order to create an archaeological reserve in the site. The establishment of the archaeological reserve of São

Marcos constitutes an ambitious and innovative measure, given that it has been decided to safeguard an archaeological site for posterity. In the future this will make it possible to investigate and valorise this archaeological site, in order to establish a museological unit, enable public use of the ruins and obtain results that will make it possible to reconstitute in a rigorous and exhaustive manner the true history of the human presence in the settlement of São Marcos.

1. Implantação

A estação arqueológica de São Marcos localiza-se na freguesia de São Marcos (concelho de Sintra), no seio da urbanização epónima (Coord. UTM 29SMD765011). Está implantada numa encosta suave — formando aparentemente uma área tendencialmente de esporão —, com altitude média de 200 m, sobranceira, a norte e a nascente, à denominada Ribeira dos Ossos, e, a sul, à Ribeira de São Marcos.

Na região circundante, também no Concelho de Sintra, encontram-se inventariados diversos sítios e monumentos arqueológicos coevos, como são exemplo o povoado da Idade do Ferro do Cotão, o sítio arqueológico de Colaride, a estação romana e galerias de minas de granadas do Suímo e a barragem romana de Belas.

2. História do sítio

A Estação Arqueológica de São Marcos foi identificada em 1978, embora só no ano seguinte se tenha dado início a um conjunto de sondagens arqueológicas com o objectivo de detectar vestígios estruturais e estratigráficos conservados, bem como obter algumas cronologias. Observaram-se, então, construções que apontavam para várias fases de ocupação do sítio. A identificação de um fragmento de ânfora neo-púnica e de um fragmento de *sigillata* foceense tardia estendia essa mesma presença desde o século II a.C. ao século VI/VII d.C.

A longa diacronia de ocupação do sítio de São Marcos, traduzida pela grande diversidade tipológica e, sobretudo, cronológica dos materiais arqueológicos exumados, revelou, em primeiro lugar, a existência de um povoado proto-histórico em pleno funcionamento, pelo menos, desde o século III a.C. Nos alvares do Império Romano deverão ter ocorrido alterações arquitectónicas e funcionais neste aglomerado populacional, tendo-se transformado muito possivelmente numa grande propriedade fundiária, dedicada à exploração agro-pecuária.

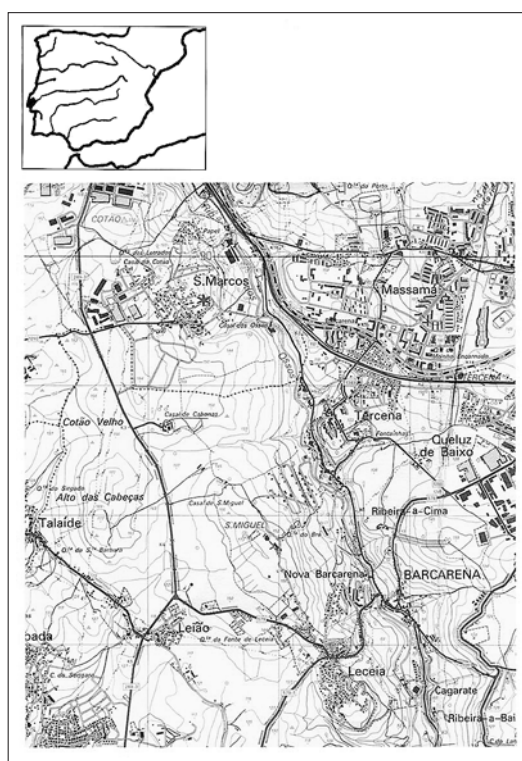


Fig. 1 Localização do sítio arqueológico de São Marcos no actual território português e na *Carta Militar de Portugal*, Esc. 1:25 000, Fl. 430, ed. 1992].

Os trabalhos desenvolvidos nos finais da década de 1970 apenas puderam caracterizar sumariamente a estação arqueológica de São Marcos, tendo sido desenvolvida uma nova intervenção, de cariz preventivo, em 1984, no âmbito da urbanização que se encontrava, então, projectada para a zona.

Durante esta nova campanha de escavações procedeu-se à abertura de diversas valas dispostas ortogonalmente, tendo como principal objectivo delimitar todo o perímetro com vestígios arqueológicos soterrados e



Fig. 2 Sítio arqueológico de São Marcos: fotografia aérea das valas abertas durante a campanha de 1984.

desafectá-lo da área a urbanizar. Os resultados obtidos, nessa altura, confirmaram as hipóteses lançadas nos primeiros estudos desenvolvidos; ou seja, estarmos na presença de um povoado proto-histórico, transformado posteriormente numa propriedade rural romana.

A agricultura, deverá ter assumido uma certa notoriedade no aglomerado de São Marcos, dadas as características inerentes ao subsolo basáltico que proporciona excelentes condições para a prática da cultura cerealífera (Ribeiro, 1991, p. 154). Vestígios dessa actividade são comprovados através do registo arqueológico, concretamente pela recolha diversos elementos de mó — proto-históricas e romanas —, que constituem em si mesmos artefactos relacionados, por excelência, com este tipo de produção. Saliente-se, como curiosidade, que ainda na década de 1970 a cerealicultura era praticada em São Marcos. A matéria-prima local, monólitos de basalto, foi igualmente utilizada para a edificação das diferentes estruturas do *habitat* — em alguns casos com o recurso a alguns elementos exógenos em calcário — sendo essas construções constituídas por paredes de pedra solta, sem sinais de argamassa, e onde eram vestigiais os pavimentos de terra batida.

Contrariamente, no vizinho território de Oeiras os sítios arqueológicos com ocupação romana comprovada aparecem quase sempre implantados em áreas de calcários, observando-se o subaproveitamento dos solos basálticos em benefício dos solos argilo-margosos do Cretácico, tal com o acontece, também, no caso das estações arqueológicas romanas existentes na zona leste do actual concelho de Cascais (Cardoso e Cardoso, 1993, p. 36). Muito embora São Marcos se encontre estabelecido em solos basálticos, o sítio arqueológico de Colaride, bem próximo e contemporâneo daquele, está implantado em terreno calcário, verificando-se, no actual território sintrense, o aproveitamento dos dois tipos de substratos rochosos para a fixação de grupos durante a época romana.

O povoado de São Marcos usufruiu, claramente, da proximidade de *Olisipo* — capital litoral da Lusitânia (Mantas, 1990, p. 160) —, cuja importância comercial proporcionava o escoamento de produtos de e para as diferentes regiões do mundo romano. Por outro lado, o extenso vale da Ribeira dos Ossos/Ribeira de Barcarena permitia um importante e fácil acesso natural às margens do Rio Tejo, junto à actual praia de Caxias. Esta ligação desenvolver-se-ia por via ter-

restre ao longo do referido vale — próximo do qual, aliás, se sucedem os vestígios da ocupação romana (já no Concelho de Oeiras), como é o caso específico de Laveiras I, mesmo junto à ribeira, e Cotão Velho, Galegas, Leião, Talaíde e Alto das Cabeças, estas últimas numa perspectiva mais abrangente do território envolvente, mas coeva do ponto de vista cronológico (Cardoso e Cardoso, 1993). Aliás, segundo um dos autores “é nítida a distribuição de vestígios ao longo dos vales mais importantes, cujas veigas, especialmente na parte terminal dos principais cursos de água (...) seriam objecto de cultivo intensivo (Cardoso, 2000, p. 161-162).

Para além desta componente marítima, tratava-se de um território virado para o interior, onde a exploração dos recursos naturais (das pedreiras, das minas e da produção agro-pecuária, entre outras) desempenhava um papel fundamental no seio dos *agri* abastecedores da grande cidade de *Olisipo*.

A diversidade regional do espólio exumado, em São Marcos — concretamente as cerâmicas finas de importação e alguns contentores anfóricos em associação com produções locais/regionais —, deverá ser, assim, entendido numa perspectiva de relação simbiótica entre o povoado, a *urbs* e o território envolvente.

Uma significativa parte do conjunto material recolhido constitui um exemplo dos mais antigos docu-

mentos arqueológicos fruto da comercialização de produtos romanos na Lusitânia, ilustrado pelos fragmentos de ânforas neo-púnicas e itálicas associados a cerâmicas campanienses.

Revela, por outro lado, a existência de uma comunidade detentora de um considerável poder de compra, que lhe permitia a aquisição de produtos importados de grande distância. Situação esta que se estende por todo o longo período de ocupação do *habitat* de São Marcos, assistindo-se ainda no século VI/VII d.C. à importação de produtos originários do Mediterrâneo oriental.

O espólio arqueológico anteriormente exumado — actualmente em reserva do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas — demonstra a permanência em São Marcos de populações desde o século III a.C. até ao século VI/VII d.C.

O abundante conjunto artefactual recolhido caracteriza-se pela presença significativa de recipientes cerâmicos, onde se destaca o registo de utensilagem de uso comum de cozinha — panelas, potes e malgas; de armazenamento — como grandes talhas (*dolia*); de mesa — onde se observa a presença de cerâmicas campanienses, de produções de *terra sigillata* itálica, sudgálica, hispânica, norte-africana e foceense tardia; e de transporte, pela identificação de fragmentos de ânforas (classes 22, 23, 25, e 32 de Peacock e Williams, 1986) originários do Norte de África e da Bética, que traduzem a importação, em determinados períodos, de azeite e preparados de peixe para consumo local dos habitantes.

Registou-se também a presença de pesos de tear que, associados a fusos e outros elementos metálicos, em osso e cerâmica, reflectem a existência de actividades relacionadas com a tecelagem, bem como com a própria manufactura dos *pondera*, eventualmente, em olarias locais, no âmbito da produção de cerâmica comum (Ribeiro, 1990, p. 9/2).



Fig. 3 Sítio Arqueológico de São Marcos: localização face ao Rio Tejo (extracto da *Carta Corográfica de Portugal*, esc. 1:50 000, fl. 34 C; Cascais, ed. 1955.

Do conjunto de cinco numismas em bronze recolhidos, destaca-se pelo seu extraordinário estado de conservação um exemplar cunhado cerca de 230 d.C., cujo anverso ostenta a efígie de *Julia Mamaea* e, no reverso, uma representação da *Fecunditas Augustae* – ou seja, da própria fecundidade da família e acção imperiais.

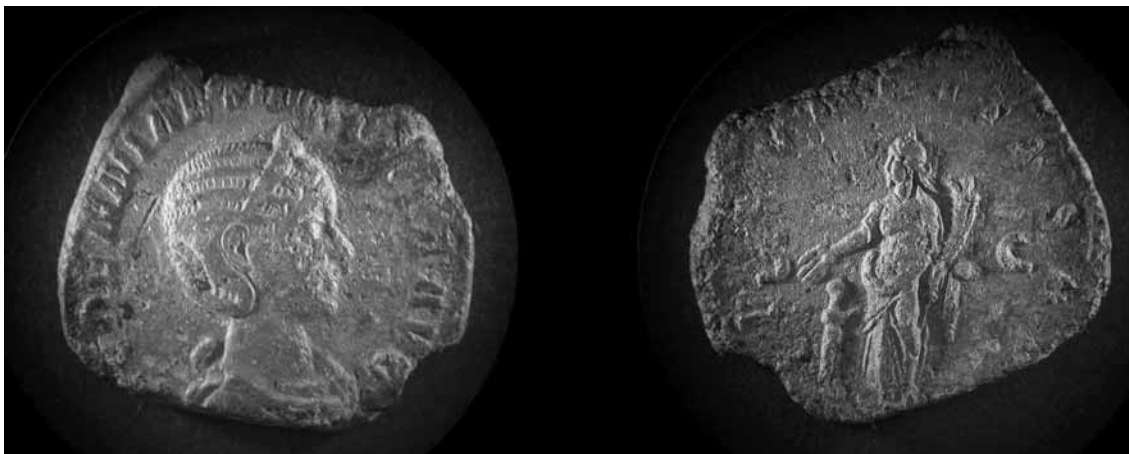


Fig. 4 Numisma, de bronze, cunhado cerca de 230 d.C., cujo anverso ostenta a efígie de *Julia Mamaea* e no verso *Fecunditas Augustae*.

Recolheram-se, ainda, alguns fragmentos de vidro correspondentes a pequenas taças de cores variadas, bem como objectos de osso, identificados como cabos de artefactos metálicos.

Os pregos e cavilhas em ferro constituem o maior conjunto de metais exumados, naturalmente relacionados com os vestígios estruturais das edificações identificadas. Porém, regista-se ainda a presença de espátulas e chapas, em bronze e cobre, utensílios naturalmente relacionados com o mobiliário e objectos do quotidiano.

Os dois elementos de mó recolhidos são ambos de granito e, para além de atestarem a transformação dos produtos cerealíferos cultivados na área do povoado, permitem estabelecer uma evolução cronológica para o aproveitamento dos cereais, uma vez que se registou a presença de um dormente de mó manual, atribuível à Idade do Ferro, e de uma mó giratória, parcialmente fracturada, incontestavelmente já romana.

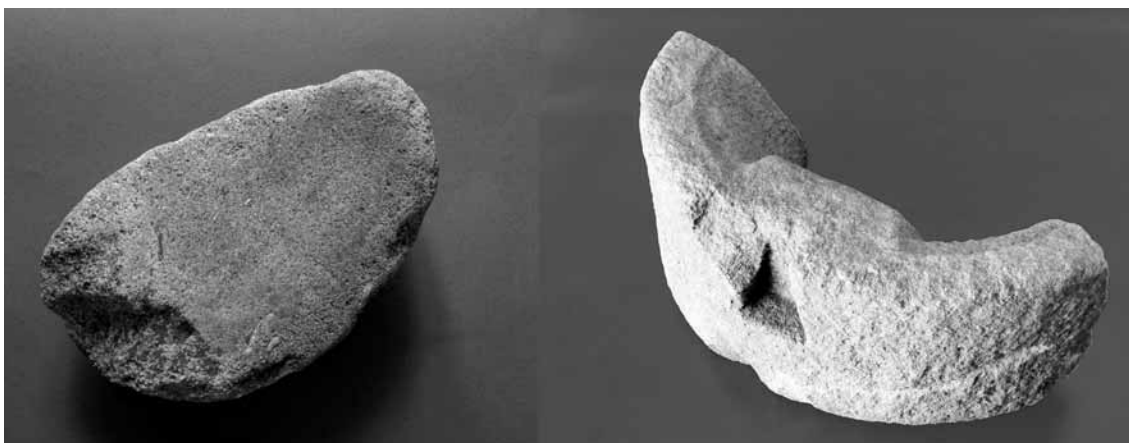


Fig. 5 Mó de sela e mó giratória fragmentada, testemunhos da ocupação proto-histórica e romana do sítio arqueológico de São Marcos, respectivamente.

Finalmente, os materiais de construção caracterizam-se pela presença massiva de telhas, tijolos e fragmentos de canos, provenientes do desmoronamento das antigas construções identificadas. A produção poderá ter ocorrido localmente, estando, possivelmente, associada ao fabrico de recipientes de cerâmica de uso comum e outros produtos de olaria (Ribeiro, 1990, p. 9/2).

2.1. Publicações que se lhe referem

Enumeram-se, por ordem cronológica, alguns artigos que fazem referência quer aos trabalhos arqueológicos realizados na década de 1970, quer a estudos mais pormenorizados de conjuntos artefactuais ali exumados:

MAIA, M. (1978) - Contributos para as cartas de distribuição em Portugal da *sigillata luzente* e *Late Roman C Ware*. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 293-307.

MAIA, M. (1978) - Ânforas neo-púnicas do Sul de Portugal. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 197-207.

MAIA, M. (1980) - Escavações na estação romana de São Marcos, Cacém (Sintra). *Clio*. Lisboa. 2, p. 158-159.

PIMENTA, F. C. (1982-1993) - Subsídios para o estudo do material anfórico conservado no Museu Regional de Sintra. *Sintria*. Sintra. 1-2, p. 117-150.

RIBEIRO, J. C. (1989-90) - Romanização e Romanidade na Zona W do Município Olisiponense. *Jornal de Sintra*. Sintra. Out.89 a Mar. 90.

FABIÃO, C. (1993-1994) - O azeite da *Baetica* na Lusitânia. *Conimbriga*. Coimbra. 32-33, p. 219-245.

FABIÃO, C.; GUERRA, A. (1996) - A cerâmica campaniense do acampamento Romano da Lomba do Canho (Arganil). *Ophiussa*. Lisboa. 0, p. 109-131.

SOUSA, E. M. de (1996) - Cerâmicas ditas campanienses e de imitação conservadas no Museu Regional de Sintra. *Conimbriga*. Coimbra. 35, p. 37-58.

SOUSA, E. M. de (2001) - Contributos para o estudo da cerâmica foceense tardia (*Late Roman C Ware*) no *municipium Olisiponense*: sua representatividade no contexto peninsular. *Conimbriga*. Coimbra. 40, p. 199-224.

3. A intervenção arqueológica de 2002

3.1. Obras a levar a cabo na estação arqueológica

A área onde se encontra implantada a Estação Arqueológica de São Marcos foi cedida, na década de 1980, à Câmara Municipal de Sintra por protocolo estabelecido com a Edifer, empresa responsável pela planificação e construção da Urbanização de São Marcos. O conjunto de terrenos municipais, que abrangem uma área mais vasta do que a estação arqueológica propriamente dita, encontravam-se bastante desprotegidos, nunca tendo sido projectados para o local quaisquer planos de utilidade pública ou cultural.

No ano 2000 foi, então, elaborado um projecto de integração deste espaço na urbanização pelo qual se encontra circundado, através da criação de um espaço de lazer devidamente apetrechado de algumas estruturas lúdicas e desportivas.

Assim, a Câmara Municipal de Sintra/Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas promoveu a cobertura das valas abertas no terreno para prospecção e delimitação da extensão do

sítio arqueológico. Por outro lado, projectou-se a plantação de um prado sequeiro, sobre o qual se distribuiria um circuito de manutenção, sem fundações, de modo a não prejudicar os vestígios arqueológicos já identificados e que então seriam novamente soterrados.

A construção de um campo de ténis e outro de futsal foi planificada, quase na totalidade, para uma área onde não haviam sido identificados vestígios arqueológicos nas intervenções efectuadas em 1979 e 1984. A finalizar, e já no exterior da área arqueológica, erigir-se-ia uma vedação em alvenaria e malha termo-soldada que protegeria, desta forma, o novo espaço lúdico-desportivo.

3.2. Objectivos e metodologia

Dada a existência comprovada nesta área de uma estação arqueológica com ocupação proto-histórica e romana — não obstante o espaço por nós disponibilizado, e que viria a ser afectado, fosse claramente limítrofe ao núcleo onde se havia registado a maior abundância de vestígios arqueológicos conservados —, os objectivos da presente intervenção visaram: 1) a identificação de possíveis vestígios e/ou estruturas conservadas nesta área específica do terreno; 2) a caracterização das realidades observadas; 3) eventual preservação e/ou integração das realidades postas a descoberto; 4) a limpeza, registo gráfico e fotográfico, protecção e salvaguarda das estruturas arqueológicas identificadas nas campanhas de 1979 e 1984.

A intervenção arqueológica decorreu, tal como previsto, entre o dia 23 de Setembro e 29 de Outubro de 2002. Durante o desenvolvimento dos trabalhos de campo, concretamente no à frente designado sector norte, utilizou-se o método Barker-Harris.

No sector norte, para onde estava prevista a construção dos equipamentos desportivos, marcou-se inicialmente o terreno com uma área de 12 m x 4 m, estabelecendo-se uma quadrícula de 4 m x 4 m designada por J5, J6 e J7.

Após a intervenção manual destes 48 m², dada a inexistência de estruturas e contextos arqueológicos preservados, prosseguiram-se os trabalhos através de meios mecânicos.

Na área das valas de sondagem, abertas em 1984, limitámo-nos a limpar as estruturas, atribuindo designações distintas, a saber: para as valas propriamente ditas, uma listagem alfabética,

de acordo com o registo do caderno de campo das antigas campanhas.

Às estruturas foi atribuída uma ordenação de I a XV conforme iam sendo intervenções no terreno. Esta classificação prendeu-se com a necessidade de se proceder ao registo seguro da proveniência dos materiais arqueológicos inevitavelmente recolhidos durante as operações de limpeza.



Fig. 6 Trabalhos de limpeza das estruturas existentes no terreno.

3.3. *Leitura estratigráfica*

Apenas na nova área intervencionada — para a abertura dos campos de futsal e de ténis — se registou uma estratigrafia muito simples, decorrente de apenas dois estratos, intimamente relacionados quer com as práticas agrícolas desenvolvidas, pelo menos, até aos finais dos anos 1970, quer com o próprio substrato rochoso do sítio.

De facto, a observação do corte efectuado no terreno, abaixo do talude preexistente, para implantação



Fig. 7 Sector norte: topo da U.E. [1].

dos campos de jogos denunciava já que a camada humosa assentava sobre a rocha. O substrato rochoso e a camada de terras amareladas “arenosas” que se lhe sobrepõe indiferenciadamente, encontrava-se sensivelmente a um metro de profundidade na cota mais baixa denunciando, assim, a eventual inexistência de estruturas arqueológicas conservadas nesta área específica do terreno: sector norte.

U.E. [0] Estrato de terras castanhas avermelhadas (5 YR 3/4 - dark reddish brown), de consistência encortiçada, com raríssimos materiais arqueológicos e algumas pedras de médias dimensões. Trata-se da camada superficial de terra arável e humosa que cobre toda a área arqueológica e se deposita imediatamente sobre a U.E. [1].

U.E. [1] Estrato correspondente à rocha de base, composta por argilas e monólitos de basalto (7,5 YR 5/8 - strong brown).

3.4. *Descrição das estruturas (re)identificadas*

As valas abertas no terreno, em 1984, bem como as estruturas então identificadas, foram assinaladas num levantamento topográfico à escala 1:100.

Como base de trabalho para a presente campanha utilizou-se o supracitado levantamento, a fim de se poder localizar no terreno os vestígios das estruturas registadas, uma vez que não sabíamos se as mesmas tinham resistido às intempéries — e outras agressões, nomeadamente antrópicas — dado estarem há já quase duas décadas postas a descoberto.

Em 1984, as valas foram dispersas no terreno numa trama tendencialmente ortogonal, em intervalos de dois metros cada. Optámos por designar as valas alfabeticamente N-S e numericamente E-O, em sintonia com o caderno de campo dessa campanha. Por outro lado, numeraram-se sequencialmente as estruturas então identificadas. Estabeleceu-se a seguinte correspondência:

Vala A	Est. III, Est. IV, Est. V, Est. VI.
Vala B	Est. VII a.
Vala C	Est. VII b, Est. VIII.
Vala D	Est. IX, Est. X.
Vala E	Est. XI, Est. XII.
Vala 8	Est. I, Est. II.
Vala 6 / sondagem	Est. XIII.
Talude	Est. XIV.
Quadrado / sondagem (1979)	Est. XV.

Muito embora na Vala 7 não tenham sido identificadas quaisquer estruturas, pelo facto de ali se acumular bastante água — dados os grandes índices de pluviosidade registados — podemos pensar na existência de estruturas soterradas que impedem a natural drenagem do terreno.

Tal como supúnhamos as estruturas encontravam-se ligeiramente alteradas face à remobilização, ao longo dos anos, de alguns dos seus elementos pétreos. Porém, foi possível reidentificar as estruturas na sua totalidade, pelo que se efectuou um registo exaustivo em planta e alçado — quando possível — à escala 1:20, para se preservar a informação, agora que tudo foi soterrado novamente.

Das quinze estruturas registadas merecem destaque apenas as que a seguir se discriminam:

Estrutura I

Em 1984 foi designada como parte de um compartimento que formava dois ângulos rectos opostos e se prolongava sob a área não escavada entre as valas C e D. Agora foi possível observar apenas dois lanços dessa estrutura, formando um ângulo recto, encontrando-se o canto



Fig. 8 A designada Estrutura I, onde é visível a intercepção de dois muros (perspectiva de Sul).

mais a Nascente destruído e os materiais de construção dispersos pelo terreno. Trata-se de uma estrutura composta maioritariamente por monólitos isométricos de basalto e calcário e alguns fragmentos cerâmicos sem vestígios de argamassa entre eles.

A limpeza desta área pôs a descoberto um ténue troço de muro no final da Vala C, cuja existência não havia sido registada na década de 1980.

Estrutura II

Identificadas anteriormente como dois troços de paredes paralelas.

Sobreviveram, de facto, dois lanços de muros dispostos quase lado a lado, desenvolvendo-se perpendicularmente a uma parede mais robusta, paralela à qual havia outro muro que hoje se apresenta apenas vestigial. A matéria-prima utilizada é idêntica à da estrutura I.



Fig. 9 A designada Estrutura II, onde se observam dois conjuntos de muros paralelos que entrecruzam perpendicularmente (perspectiva de Sul).

No interior dos dois muros paralelos registaram-se vestígios de *opus signinum*, como que a colmatar a área existente entre ambos.

Porém, a exígua dimensão deste espaço específico — sensivelmente 1 m de largura — condiciona a interpretação funcional do mesmo como um pavimento, mas poderá, eventualmente, estar em conformidade com um local para conter águas, como por exemplo um bebedouro para animais justaposto à parede exterior do edifício.

A orientação dos muros identificados sugere alguma relação com as realidades observadas na Estrutura I.



Fig. 10 Pormenor de vestígios de *opus signinum* entre duas paredes da estrutura II.



Fig. 11 A designada Estrutura IX, eventual lajeado (perspectiva de Oeste).

Estrutura IX

Em 1984, foi designada como “área de pedras aparelhadas”, tendo sido registadas graficamente como um aglomerado de planta triangular.

De facto, observou-se a existência de uma área com lajes basálticas e uma de calcário dispostas articuladamente entre si, perfazendo um espaço pavimentado, provavelmente exterior (?). Aparentemente poderá estar relacionada com a estrutura X localizada mais a norte.

Estrutura X

Designada, na campanha dos anos de 1980, como “parede e pedras aparelhadas”.

Durante os actuais trabalhos de limpeza definiu-se um conjunto de três muros que perfazem dois ângulos rectos entre si, no interior dos quais é possível observar algumas “lajes” de basalto, à semelhança das registadas na estrutura IX. Neste caso específico a matéria-prima aplicada é exclusivamente o basalto.

Tal como afirmámos anteriormente, esta realidade poderá funcional e fisicamente estar relacionada com a Estrutura IX, localizada a Sul, muito embora esta hipótese só possa ser confirmada com uma escavação em área de toda esta zona.



Fig. 12 A designada Estrutura X, onde se observa a intercepção de diversos troços de muros (perspectiva de Oeste).

Estrutura XIII

Identificada como simples parede, corresponde a uma estrutura de planta quadrada, já observada nas sondagens efectuadas em 1979. Foi representada inicialmente como um compartimento fechado por quatro ângulos rectos, sem vestígios da abertura para o seu interior.

Hoje, não obstante a verificação do desmantelamento dos cortes para cima dos muros da estrutura — e a conseqüente adulteração da mesma —, foi possível apurar ainda a sua planimetria, bem como os diferentes aparelhos construtivos.

Assim, apresenta o recurso a monólitos de basalto e calcário, sobretudo nos lanços norte e poente. As restantes paredes exibem uma grande percentagem de pedras pequenas e fragmentos cerâmicos. Nenhum dos aparelhos regista sinais de argamassa.

Novidade constitui a provável entrada deste compartimento observada no lado norte, bem delimitada por dois monólitos alongados de calcário.

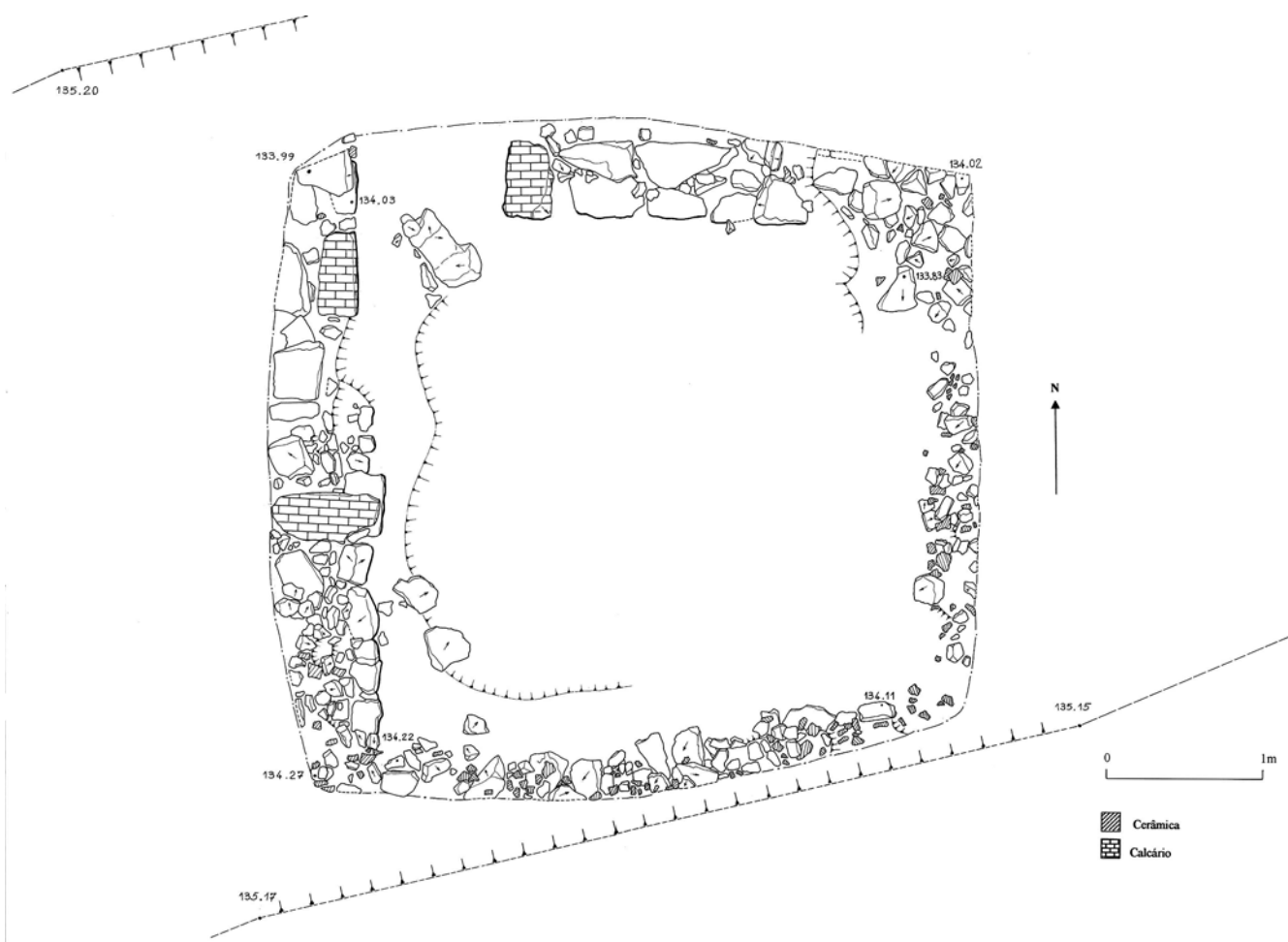


Fig. 13 A designada Estrutura XIII.

Estrutura XIV

Localizada numa área de intercepção das sondagens de 1979, das valas de 1984 e do próprio talude do terreno estava identificada como um troço de parede que formava uma ângulo agudo a sudoeste.

De facto, tratam-se de três lanços de muro, dois dos quais perpendiculares entre si, formando um canto que fecha um provável compartimento. O terceiro troço de parede, implantado a Sudoeste, não parece estar associado aos outros dois, pois desenvolve-se numa orientação completamente diferente. Saliente-se que neste espaço eram muito abundantes os fragmentos de ímbrices, testemunhando a presença das estruturas de cobertura destes compartimentos.

A matéria-prima utilizada é o basalto e o calcário, bem como fragmentos cerâmicos, sem vestígios de argamassa.



Fig. 14 A designada Estrutura XIV onde são visíveis três troços de muros, dois dos quais formam um canto a sudoeste.

Finalmente, parece-nos ser credível admitir que as diferentes técnicas construtivas, ou melhor, a aplicação de diversos tipos de matéria-prima que não só a local, poderão indicar distintas épocas cronológicas e/ou o reaproveitamento das estruturas preexistentes nas diferentes fases de ocupação deste povoado, dada a larga diacronia aferida pela diversidade dos materiais arqueológicos, já anteriormente, recolhidos.

3.5. Materiais arqueológicos exumados

A presente intervenção saldou-se pela recolha de materiais arqueológicos de superfície quer na área destinada à construção dos equipamentos desportivos — sector norte —, quer nas valas/estruturas resultantes das campanhas anteriores.

Apenas 2,05% dos materiais inventariados correspondem à nova área intervencionada — sector norte —, pelo que se confirma o carácter limítrofe da zona face ao lugar central do povoado. Por outro lado, a recolha artefactual verificada exclusivamente na camada humosa (U.E. 0), revela a dispersão de materiais arqueológicos numa área onde os mesmos não se encontram estratigraficamente depositados.

3.5.1. Cerâmica

Os fragmentos cerâmicos constituem o maior conjunto de materiais recolhido durante a intervenção em análise. Os estudos preliminares permitem verificar que estamos na presença de materiais atribuíveis, por um lado, a contextos pré-romanos (pré- ou proto-históricos) e, por outro, ao vasto período de ocupação romana. Esta realidade constata-se através da presença de fragmentos de cerâmica manual de pastas grosseiras em associação — ressaltando o facto de serem tudo recolhidas de superfície — com fragmentos de cerâmica de cozinha e de mesa sem decoração (painéis, potes e bilhas — Figs. 18, 19, 20 e 21), fragmentos de taças e pratos em *terra sigillata* (hispânica e clara D — Fig. 20, 1 a 5), vários fragmentos de bojós e um bordo de ânfora (Fig. 20, 6), bem como alguns fragmentos de *dolia*.

Curiosamente os fragmentos de cerâmica romana recolhidos constituem na sua grande maioria exemplares sem grande utilidade para a aferição de uma cronologia fina da ocupação do sítio. Assim, para além dos fragmentos de *terra sigillata* e de ânfora, comuns a outros sítios com presença romana comprovada, não se recolheram exemplares de cerâmica campaniense ou de *sigillata* foceense tardia, elementos considerados determinantes para a primeira caracterização do povoado de São Marcos. Tal facto justifica-se por apenas ter sido efectuada a limpeza do terreno e das estruturas anteriormente identificadas, sem afectar níveis arqueológicos ainda preservados.

Saliente-se, igualmente, o registo constante de restos de materiais de construção como telhas algumas das quais com incisões onduladas, tijolos e/ou ladrilhos e pedaços de *opus signinum*.

Dada a larga diacronia de ocupação deste sítio, foi possível recolher três fragmentos de cerâmica atribuíveis a épocas bem mais recentes, concretamente modernas (séculos XVI e XVII), como um bordo de alguidar e os dois exemplares de faiança com decoração em bandas azul-cobalto (Fig. 22, 4 a 6).

3.5.2. Vidros

Um fragmento de parede esverdeada sem qualquer definição tipológica, resume a totalidade dos achados vítreos provenientes desta campanha.

3.5.3. Líticos

A recolha de 14 exemplares líticos distribui-se de forma gradual entre restos de talhe (8), lamela proximal retocada (1), lascas (3) e núcleos (2). Todos os exemplares são de sílex, à excepção de dois restos de talhe de quartzo.

A presença deste tipo de materiais justifica-se, por um lado, porque o sílex é uma matéria-prima que abunda no território envolvente, nomeadamente nas áreas de calcários. Assinale-se a presença desta rocha nas zonas a Norte de Ribeira dos Ossos, concretamente em Colaride, Rocanes e Barota, Belas e Aqualva, revelada por Carlos Ribeiro, ainda nos finais do século XIX (Ribeiro, 1880, p. 73-74). Por outro, já nas campanhas de 1979 e 1984 tinham sido exumados seis lascas e um núcleo de sílex, bem como um seixo rolado.

Merece especial referência a recolha de materiais que exibem pátina brilhante, característica dos artefactos associados à ocupação paleolítica desta região (um fragmento de núcleo, um fragmento de lasca retocada e um resto de talhe — Fig. 17, 1 a 3).

As indústrias paleolíticas foram, igualmente, reveladas por aquele investigador (Ribeiro, 1880) na área de Colaride/Barota — e de novo registados durante os trabalhos de emergência ali decorridos em 1998 (Coelho, 2002)—, pelo que talvez possamos avançar com a hipótese de, dada a curta distância entre aquelas estações arqueológicas e São Marcos, se verificar o aproveitamento da matéria-prima para a produção de artefactos em sílex por grupos humanos coevos.

Uma ocupação neolítica parece, também, começar a evidenciar-se pela presença da lamela proximal retocada, entre os diversos restos de talhe e lascas (Fig. 17, 4 e 5). De facto, no que se refere à Pré-História Recente, também, podemos estabelecer ligações com a área de Colaride/Rocanes, dado o aparecimento de fragmentos de machado de pedra polida durante a campanha de trabalhos arqueológicos supracitada, entre diversos fragmentos de cerâmica manual.

3.5.4. Restos faunísticos

Relativamente aos restos osteológicos de origem animal registou-se a total ausência dos mesmos no sector norte. Na limpeza das valas e das estruturas associadas foram apenas exumados 13 fragmentos, donde se destaca a recolha de três dentes ou conjuntos de dentes.

4. A criação de uma reserva arqueológica

Actualmente, o local onde se implanta a estação arqueológica de São Marcos é património municipal.

No conjunto de terrenos salvaguardados, que abrange cerca de 2,6 ha — uma área um pouco mais vasta do que o sítio arqueológico propriamente dito —, criou-se uma reserva arqueológica e foi elaborado um projecto de integração deste espaço na Urbanização de São Marcos, através



Fig. 15 Sítio arqueológico de São Marcos: levantamento topográfico das estruturas arqueológicas reidentificadas, sobre ortofotomapa da área.

da já referida implantação de uma zona de lazer devidamente apetrechada de estruturas lúdicas e desportivas concebidas de molde a não prejudicarem os vestígios patrimoniais soterrados.

A implementação desse projecto foi antecedida pela campanha de trabalhos arqueológicos, que temos vindo a descrever, culminando com a selagem das sondagens anteriormente abertas no terreno e onde ainda se encontravam expostas as estruturas identificadas na década de 1980.

Uma das premissas obrigatórias da campanha em apreço consistiu na realização de um levantamento topográfico de todas as estruturas arqueológicas reidentificadas face aos imóveis da actual urbanização de São Marcos, uma vez que, ao serem colmatadas as valas identificadas dos limites do terreno, se perdia totalmente a leitura da implantação das diversas realidades arqueológicas dispersas pela totalidade da área.

Procurou-se, deste modo, estabelecer uma base cartográfica actualizada e fiável quer para futuras investigações a realizar nesta estação arqueológica, quer para a salvaguarda efectiva do património deliberadamente soterrado.



Fig. 16 Sítio arqueológico de São Marcos: trabalhos de cobertura das valas onde as estruturas arqueológicas se encontravam implantadas e posterior selagem das mesmas com areia de rio e terra vegetal.

Após o registo exaustivo das várias estruturas reidentificadas, forraram-se as valas com rede sombra, no sentido de proteger os vestígios arqueológicos. Sobre esta tela foram depositados vários metros cúbicos de areia de rio, para assinalar a base das fossas. Estas foram preenchidas, posteriormente, com terra vegetal, em cima da qual foi plantado prado sequeiro.

Finalmente, distribuíram-se os diversos elementos do circuito de manutenção, sem fundações profundas (entre 0,30 e 0,50 m), de modo a não prejudicar os vestígios arqueológicos identificados. Em simultâneo, edificaram-se os campos de ténis e de fut-sal no sector norte, na área onde não foram identificados quaisquer vestígios estruturais e estratigráficos conservados.

As formas e o regime de protecção previstos na legislação em vigor (Art.º 75.º da Lei 107/01, de 8 de Setembro) preconizam a criação de “reservas arqueológicas de protecção”, com vista à realização de intervenções arqueológicas que permitam, num futuro próximo, aferir o interesse científico e patrimonial de determinado sítio arqueológico. Relativamente ao povoado de São Marcos optou-se por ir mais longe. Ou seja, transformar o carácter temporário que a lei prevê num longo prazo, através do qual se possa estudar convenientemente este importante *habitat* dos *agri olisiponenses*.

O estabelecimento da Reserva Arqueológica de São Marcos constitui, assim, uma medida inovadora, porquanto se decidiu salvaguardar um sítio arqueológico para a posteridade, não se procedendo desde já à sua exploração. Esta situação permitirá um dia — com maior oportunidade, mais meios financeiros, humanos e científicos — investigar e valorizar esta área arqueológica, com os objectivos quer da obtenção de resultados que então possibilitem, de modo rigoroso e exaustivo, reconstituir a verdadeira história da presença humana no povoado de São Marcos, quer a sua efectiva musealização e conseqüente usufruto público das ruínas, hoje salvaguardadas mas soterradas.

Tal atitude deliberada e assumida promoveu, dessa forma, a transmissão às gerações vindouras de um legado comum, visando a estimulação do interesse das populações para questões tão actuais como a salvaguarda e preservação do Património Histórico-Cultural.

NOTAS

- ¹ Arqueóloga do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.
- ² Agradece-se a colaboração de Ana Isabel Neves e Joel Marteleira na execução dos desenhos dos materiais arqueológicos exumados e do registo das estruturas identificadas no terreno.
- Agradece-se, igualmente, a Linda Pereira (CPL) a tradução para língua inglesa do resumo apresentado.
- ³ A descrição das formas de cerâmica de uso comum segue a tipologia de Pinto, 2003.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L.; CARDOSO, G. (1993) - Carta arqueológica do concelho de Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 4.
- CARDOSO, J. L. (2000) - Sítios, pedras e homens. Trinta anos de arqueologia em Oeiras. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 9.
- COELHO, C. (2002) - Estudo preliminar da pedreira romana e outros vestígios identificados no sítio arqueológico de Colaride. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:2, p. 272-323.
- MANTAS, V. (1990) - As cidades marítimas da Lusitânia. In *Les villes de la Lusitanie romaine (Table ronde internationale du CNRS – Talence, le 8-9 décembre 1988)*. Paris: CNRS.
- MAYET, F. (1983) - *Les céramiques sigillées hispaniques*. Bordeaux: Centre Pierre Paris.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. (1986) - *Amphorae and the Roman economy*. London-New York: Longman.
- PINTO, I. V. (2003) - *A cerâmica comum das villae de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.
- RIBEIRO, C. (1880) - *Estudos pré-históricos em Portugal. Notícia de algumas estações e monumentos pré-históricos*. Lisboa: Typografia Académica.
- RIBEIRO, O. (1991) - *Portugal: o Mediterrâneo e o Atlântico*. 6.ª ed. Lisboa: Sá da Costa.

Catálogo³

- SM(02)[0]87; sílex; frag. lasca cortical retocada parcialmente, com pátina brilhante (Paleol.); Fig. 17, 1.
- SM(02)[0]88; sílex; frag. núcleo com pátina brilhante (Paleol.); Fig. 17, 2.
- SM(02)[0]84; sílex; núcleo; Fig. 17, 3.
- SM(02)[0]85; sílex; lasca; Fig. 17, 4.
- SM(02)[0]86; sílex; lamela proximal retocada (Neol.); Fig. 17, 5.
- SM(02)[0]53; cerâmica; frag. de bordo voltado para o exterior de potinho (X-A); pasta pouco homogénea de cor castanha; bastantes c.n.p. finos e médios; superfícies rugosas castanhas; diâm. bordo 130 mm; esp. bordo 6 mm; esp. parede 7 mm; Fig. 18, 1.
- SM(02)[0]41; cerâmica; frag. bordo oblíquo, geralmente amendoado e voltado para fora de panela de pança esférica ou ovóide, sem asas (VIII-B-2); pasta homogénea de cor laranja-rosada; c.n.p. finos e médios; superfícies alisadas laranja-rosadas; diâm. bordo 150 mm; esp. bordo 7 mm; esp. parede 5,5 mm; Fig. 18, 2.
- SM(02)[0]23; cerâmica; frag. bordo voltado para o exterior de pote (IX-A-1), de cerâmica cinzenta; pasta muito homogénea de cor cinzenta; c.n.p. muito finos; superfícies alisadas cinzento-claras; diâm. bordo 200 mm; esp. bordo 4 mm; esp. parede 4 mm; Fig. 18, 3.
- SM(02)[0]48; cerâmica; frag. bordo espessado para o exterior de potinho de colo pronunciado e largo levemente côncavo; pasta heterogénea de cor creme-rosada com núcleo acinzentado, c.n.p. finos; superfícies alisadas creme-rosadas; diâm. bordo 190 mm; esp. bordo 4 mm; esp. parede 6,5 mm; Fig. 18, 4.
- SM(02)[0]63; cerâmica; frag. bordo de pote grosseiro; pasta pouco homogénea de coloração laranja-acastanhada; bastantes c.n.p. finos; superfícies rugosas laranja-acastanhada (ext.) e castanha (int.); diâm. bordo 130 mm; esp. bordo 7 mm; esp. parede 10 mm; Fig. 18, 5.
- SM(02)[0]38; cerâmica; frag. bordo de cerâmica grosseira; pasta pouco homogénea de coloração laranja; bastantes c.n.p. finos; superfícies rugosas laranja; diâm. bordo 202 mm; esp. bordo 10 mm; esp. parede 7,5 mm; Fig. 18, 6.
- SM(02)[0]59; cerâmica; frag. bordo de pote grosseiro; pasta pouco homogénea castanha; c.n.p. finos; superfícies rugosas castanhas queimadas; diâm. bordo 138 mm; esp. bordo 8 mm; esp. parede 9 mm; Fig. 18, 7.
- SM(02)[0]78; cerâmica; frag. bordo formando garganta interna de pote (X-B); pasta pouco homogénea de cor castanha-escura; bastantes c.n.p. finos; superfícies rugosas negras queimadas; diâm. bordo 104 mm; esp. bordo 5 mm; esp. parede 7 mm; Fig. 18, 8.
- SM(02)[0]68; cerâmica; frag. bordo horizontal amendoado e pequeno de pequena talha (XIII-A-1-c); pasta pouco homogénea de cor castanha-avermelhada; bastantes c.n.p. finos e médios; superfícies rugosas castanhas; diâm. bordo 226 mm; esp. bordo 16 mm; esp. parede 12 mm; Fig. 18, 9.
- SM(02)[0]33; cerâmica; frag. bordo de potinho/bilha; pasta homogénea compacta de cor laranja; c.n.p. finos; superfícies alisadas com engobe castanho-escuro; diâm. bordo 54 mm; esp. bordo 5 mm; esp. parede 7 mm; Fig. 19, 1.
- SM(02)[0]43; cerâmica; frag. bordo voltado para o exterior de bilha (XII-A); pasta homogénea compacta de cor laranja-vivo; c.n.p. finos; superfícies alisadas laranja-claras; diâm. bordo 48 mm; esp. bordo 6 mm; esp. parede 2 mm; Fig. 19, 2.

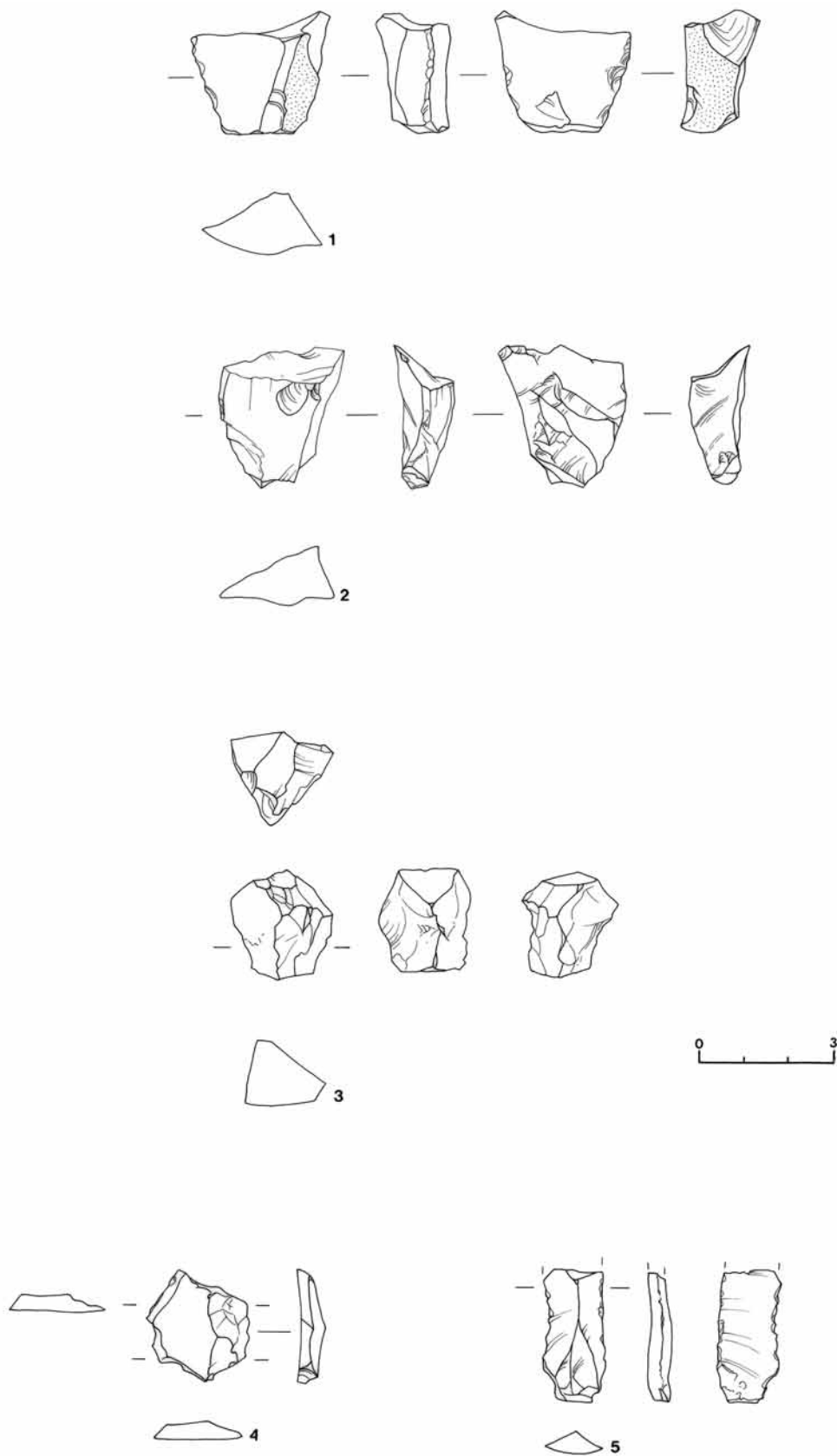


Fig. 17

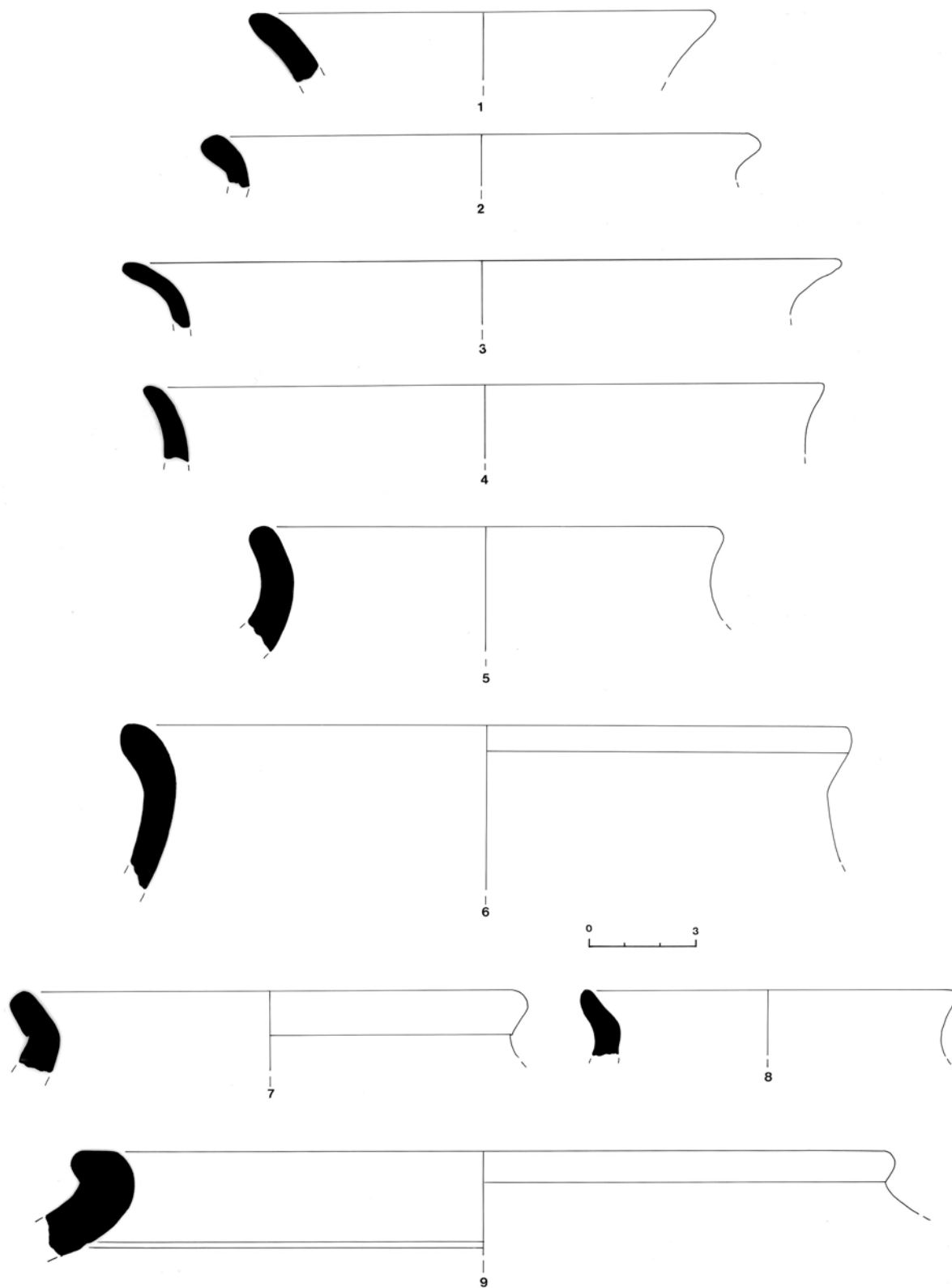


Fig. 18

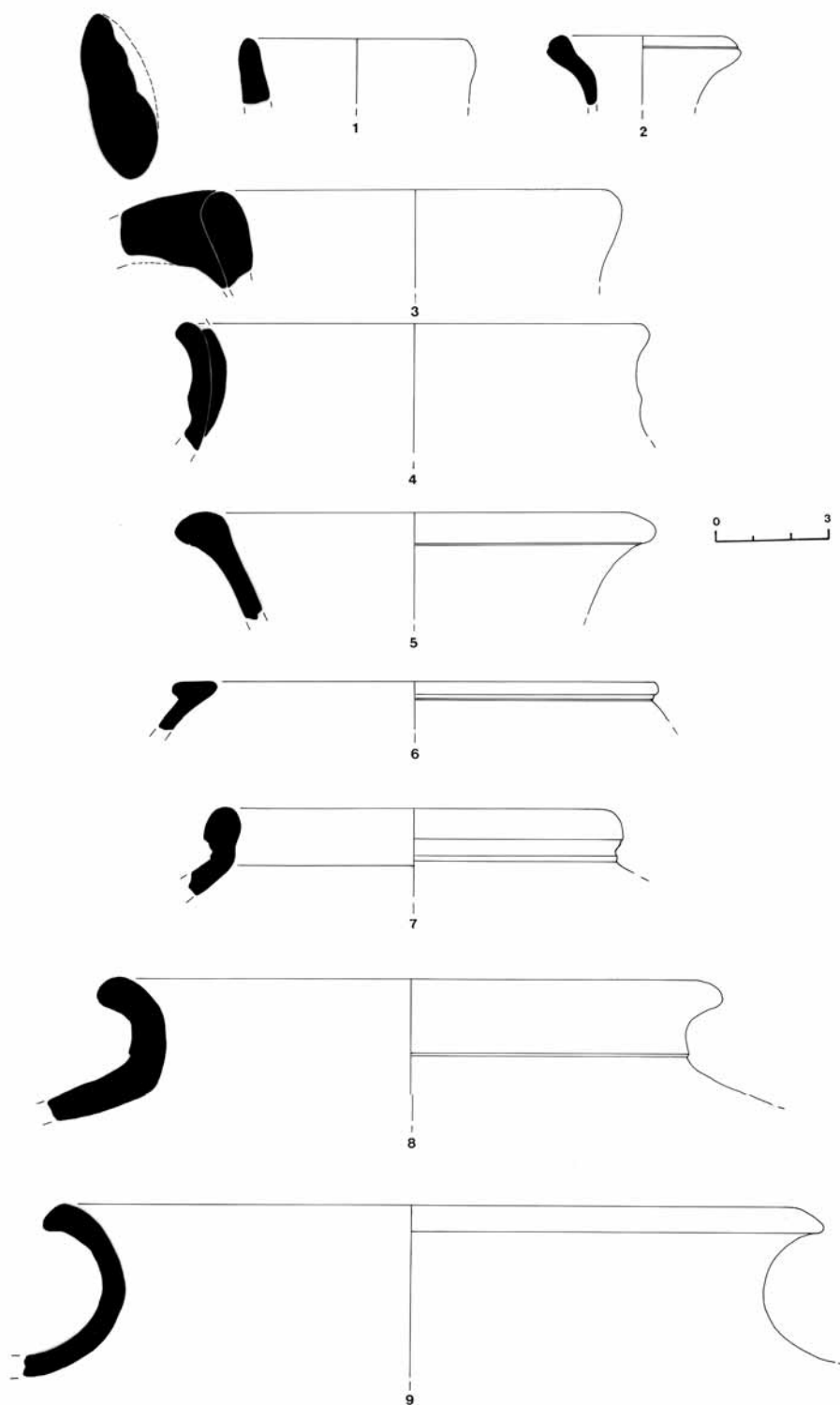


Fig. 19

- SM(02)[0]37; cerâmica; frag. bordo oblíquo alongado anguloso ou arredondado, pouco voltado para fora de panela de pança geralmente ovóide com asas (VII-B-3-a); pasta homogénea compacta de cor laranja-vivo; c.n.p. finos e médios; superfícies alisadas laranja; diâm. bordo 102 mm; esp. bordo 10 mm; esp. parede 7 mm; esp. asa 10 mm; Fig. 19, 3.
- SM(02)[0]42; cerâmica; frag. bordo c/ asa de potinho, de cerâmica cinzenta polida; pasta homogénea compacta de cor laranja-acastanhada; c.n.p. finos; superfícies alisadas com engobe cinzento escuro; diâm. bordo 120 mm; esp. bordo 5 mm; esp. parede 5 mm; Fig. 19, 4.
- SM(02)[0]26; cerâmica; frag. de bordo formando pequeno lábio externo de potinho de colo alto levemente afunilado (X-A-10); pasta pouco homogénea de cor castanha-alaranjada clara; bastantes c.n.p. finos; superfícies rugosas castanho-alaranjadas claras; diâm. bordo 114 mm; esp. bordo 13 mm; esp. parede 5 mm; Fig. 19, 5.
- SM(02)[0]2; cerâmica; frag. bordo dobrado sobre o ombro de tacho (VII-A-1); pasta homogénea de cor laranja; c.n.p. finos; superfícies alisadas laranja, apresentando vestígios de queimado no bordo; diâm. bordo 126 mm; esp. bordo 12 mm; esp. parede 3 mm; Fig. 19, 6.
- SM(02)[0]9; cerâmica; frag. bordo pequeno amendoado, geralmente com vinco à altura do ombro de potinho de pança esférica (X-A-3); pasta homogénea de cor laranja; c.n.p. finos; superfícies alisadas laranja, apresentando vestígios de fogo em ambas as faces; diâm. bordo 104 mm; esp. bordo 13 mm; esp. parede 5 mm; Fig. 19, 7.
- SM(02)[0]46; cerâmica; frag. bordo formando pequena aba horizontal ou oblíqua voltada para fora, garganta pronunciada de panela com pança geralmente ovóide (VIII-B-5-b); pasta homogénea compacta de cor laranja-vivo; bastantes c.n.p. finos; superfícies alisadas laranja; diâm. bordo 154 mm; esp. bordo 9 mm; esp. parede 6 mm; Fig. 19, 8.
- SM(02)[0]57; cerâmica; frag. bordo formando aba horizontal ou oblíqua voltada para fora de panela com garganta pronunciada e pança geralmente ovóide (VIII-B-5-b); pasta homogénea compacta de cor laranja; bastantes c.n.p. finos; superfícies alisadas laranja; diâm. bordo 194 mm; esp. bordo 10 mm; esp. parede 5,5 mm; Fig. 19, 9.
- SM(02)[0]19; cerâmica; frag. bordo de *terra sigillata* hisp. (Drag. 27?); pasta homogénea compacta rosada; c.n.p. raros; superfícies com engobe vermelho-acastanhado; diâm. bordo 64 mm; esp. bordo 4 mm; esp. parede 4 mm; Fig. 20, 1.
- SM(02)[0]24; cerâmica; frag. bordo de *terra sigillata* hisp. (Drag. 37?); pasta homogénea compacta alaranjada; c.n.p. finos; superfícies com engobe vermelho-acastanhado; diâm. bordo 68 mm; esp. bordo 3 mm; esp. parede 5 mm; Fig. 20, 2.
- SM(02)[0]20; cerâmica; frag. fundo c/ pé de *terra sigillata* hisp.; pasta homogénea muito compacta laranja-rosada; c.n.p. finos; superfícies com engobe vermelho-acastanhado; diâm. fundo 60 mm; esp. fundo 4 mm; esp. do pé anelar 5 mm; esp. parede 6 mm; Fig. 20, 3.
- SM(02)[0]15; cerâmica; frag. bordo de *terra sigillata* hisp. (Drag. 18?); pasta homogénea compacta laranja; bastantes c.n.p. finos; superfícies com vestígios muito escassos de engobe vermelho; diâm. bordo 154 mm; esp. bordo 4 mm; esp. parede 5 mm; Fig. 20, 4.
- SM(02)[0]22; cerâmica; frag. fundo c/ pé anel. de *terra sigillata* clara D(?); pasta homogénea compacta laranja; c.n.p. raros; superfícies com engobe laranja muito vivo nas duas faces; diâm. fundo 142 mm; esp. fundo 7 mm; esp. parede 8 mm; Fig. 20, 5.
- SM(02)[0]25; cerâmica; frag. bordo/asa de ânfora; pasta heterogénea creme-rosada com núcleo acinzentado; bastantes c.n.p. finos; superfícies rugosas de cor creme-rosada; diâm. bordo 104 mm; esp. bordo 132 mm; esp. parede 17 mm; Fig. 20, 6.

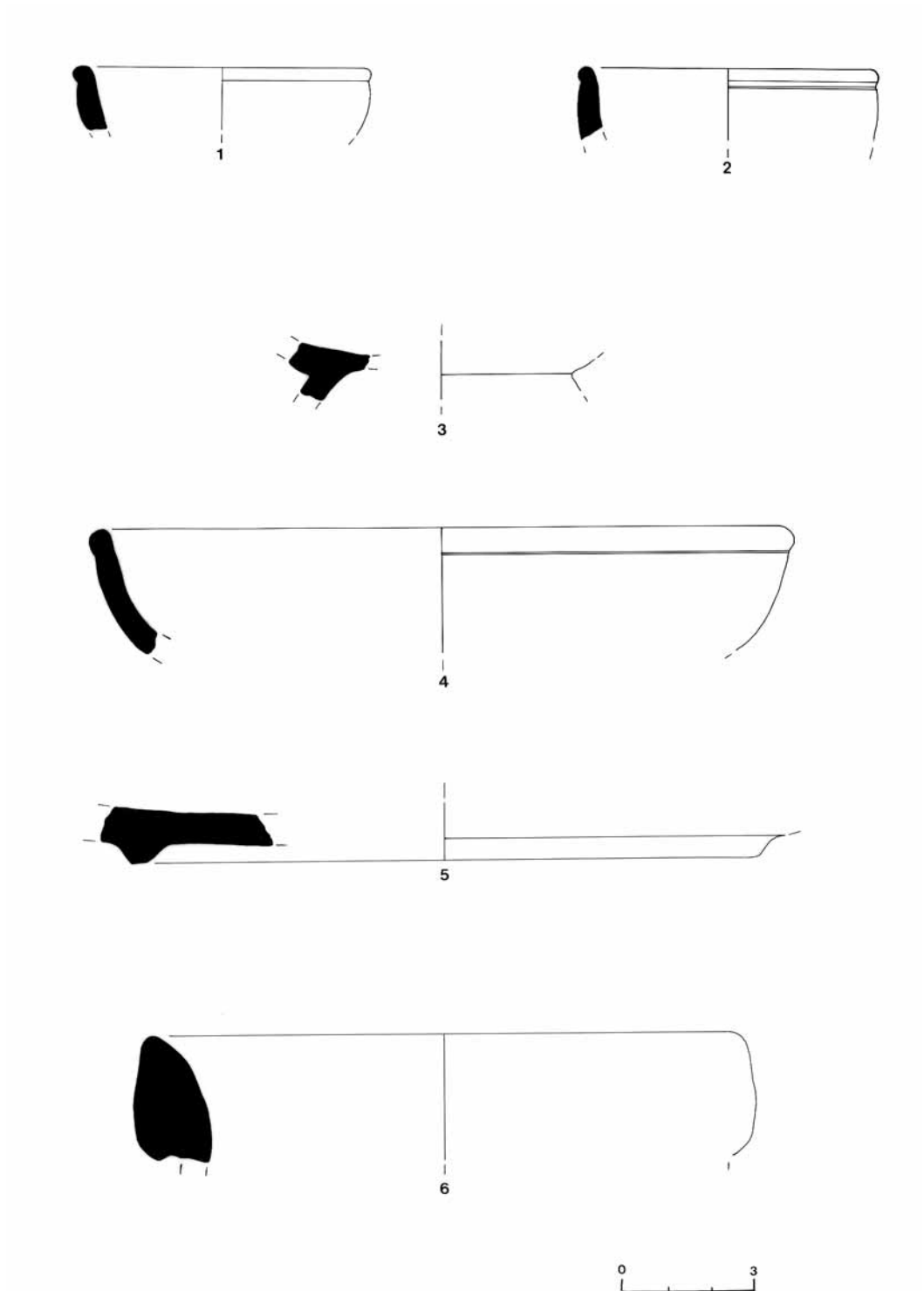


Fig. 20

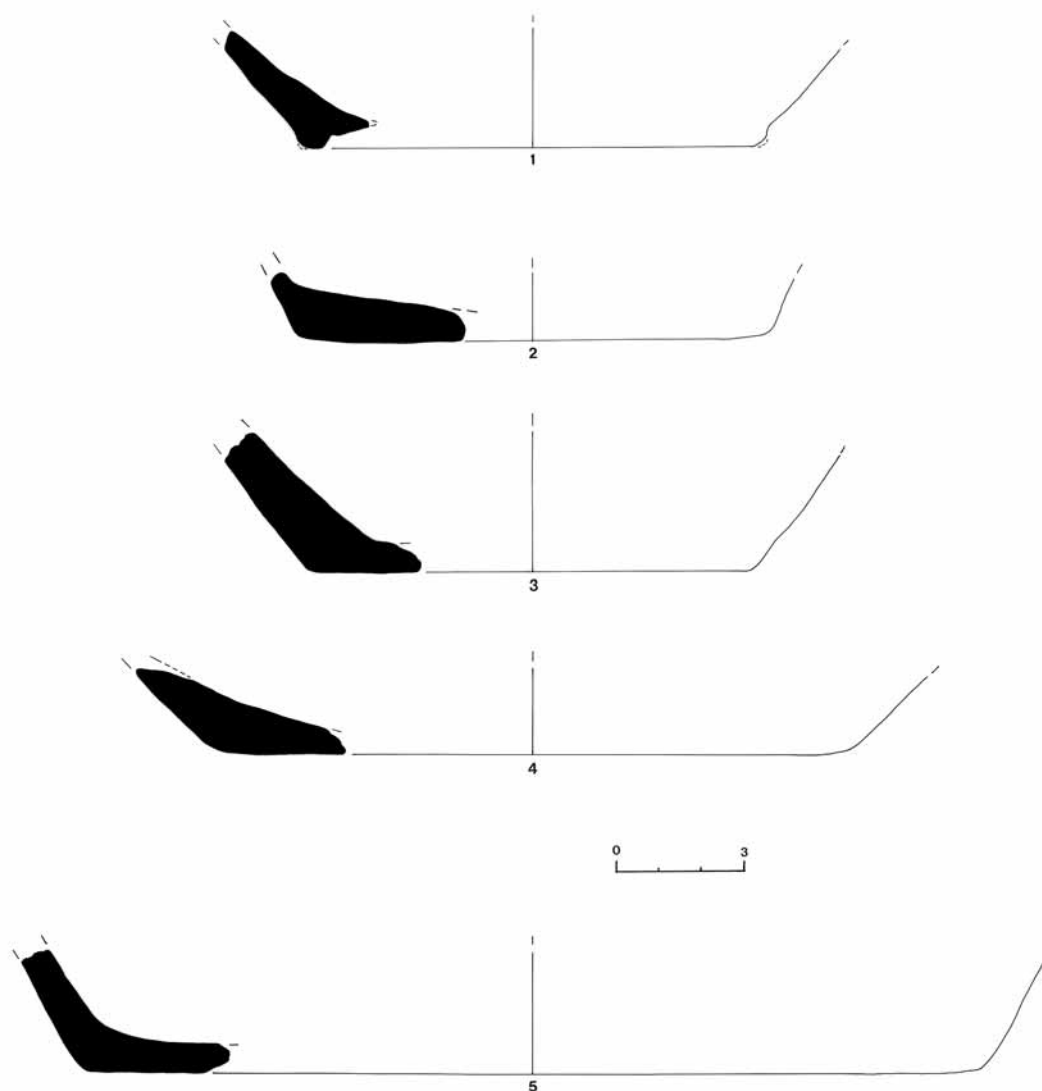


Fig. 21

SM(02)[0]74; cerâmica; frag. fundo raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar, de formas fechadas (F-15); pasta pouco compacta (xistosa) cinzenta; c.n.p. muito finos; superfícies alisadas castanho-rosadas, apresentando vestígios de fogo na face interna; diâm. fundo 110 mm; esp. fundo 3 mm; esp. parede 5,5 mm; Fig. 21, 1.

SM(02)[0]50; cerâmica; frag. fundo raso e simples de formas fechadas (F-13); pasta homogênea laranja; c.n.p. finos e médios; superfícies alisadas laranja e laranja-acinzentada (int.), apresentando vestígios de queimado pós-fractura; diâm. fundo 112 mm; esp. fundo 9 mm; esp. parede 4 mm; Fig. 21, 2.

SM(02)[0]61; cerâmica; frag. fundo raso e simples de formas fechadas (F-13); pasta homogênea castanha; muitos c.n.p. finos micáceos; superfícies alisadas castanho-alaranjadas, apresentando alguns vestígios de fogo; diâm. fundo 102 mm; esp. fundo 7 mm; esp. parede 10 mm; Fig. 21, 3.

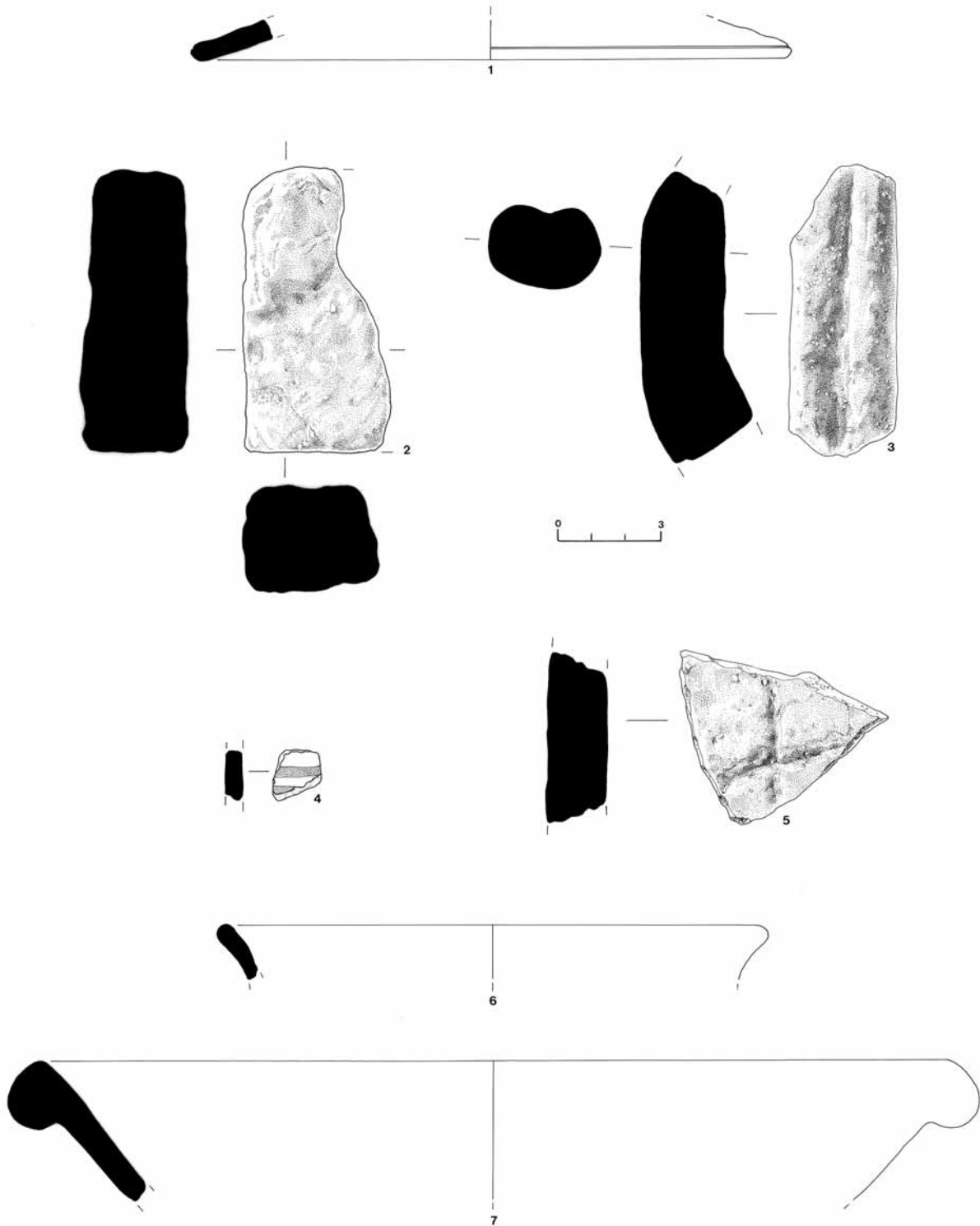


Fig. 22

- SM(02)[0]1; cerâmica; frag. fundo raso e simples de formas fechadas (F-13); pasta heterogénea laranja com núcleo cinzento; c.n.p. finos; superfícies alisadas laranja-vivo; diâm. fundo 148 mm; esp. fundo 6 mm; esp. parede 8 mm; Fig. 21, 4.
- SM(02)[0]6; cerâmica; frag. fundo raso e simples de formas fechadas (F-13); pasta homogénea laranja; muitos c.n.p. finos; superfícies alisadas laranja; diâm. fundo 210 mm; esp. fundo 7 mm; esp. parede 7 mm; Fig. 21, 5.
- SM(02)[0]12; cerâmica; frag. bordo simples ou levemente espessado de tampa (XVI-A-1); pasta homogénea compacta laranja; muito c.n.p. finos; superfícies alisadas laranja-avermelhadas; diâm. bordo 172 mm; esp. bordo 5 mm; esp. parede 5,5 mm; Fig. 22, 1.
- SM(02)[0]56; cerâmica; frag. *pondus*; pasta homogénea laranja; c.n.p. finos, médios e grossos; superfícies rugosas laranja; esp. parede 31 mm; altura (aprox.) 83 mm; Fig. 22, 2.
- SM(02)[0]28; cerâmica; frag. asa circular com canelura; pasta heterogénea castanho-avermelhada com núcleo castanho-amarelado; bastantes c.n.p. finos, médios e grossos; superfícies rugosas castanho-avermelhadas; esp. asa 24 mm; Fig. 22, 3.
- SM(02)[0]71; faiança; frag. parede; pasta homogénea compacta creme-amarelada; c.n.p. finos; superfícies vidradas a branco, apresentando duas bandas azul-cobalto na face interna; esp. parede 5 mm; Fig. 22, 4.
- SM(02)[0]51; cerâmica; frag. parede de *dolium* com marca; pasta homogénea, mas granulosa, de cor castanha clara, bastantes c.n.p. finos e médios; superfícies alisadas castanho-claras, apresentando vestígios de fogo na face interna; ostenta traços ortogonais incisos na superfície externa; esp. parede 18 mm; Fig. 22, 5.
- SM(02)[0]70; faiança; frag. bordo de taça; pasta homogénea compacta creme; c.n.p. finos; superfícies vidradas a branco, apenas conservado na face interna; diâm. bordo 158 mm; esp. bordo 5 mm; esp. parede 3 mm; Fig. 22, 6.
- SM(02)[0]76; cerâmica; frag. bordo de alguidar moderno; pasta homogénea compacta de cor laranja; c.n.p. finos; superfícies alisadas laranja, apresentando sinais de fogo pós-fractura; diâm. bordo 266 mm; esp. bordo 18 mm; esp. parede 7 mm; Fig. 22, 7.